

ficção

# Cecília Marques

## A sua filha

Estava no começo da minha prática clínica. O consultório era iluminado. Admirava as janelas grandes, o chão claro e as paredes brancas. A sala espaçosa, as cadeiras confortáveis. Gostava de sentir o peso do meu corpo na imensidão daquelas poltronas. Minha amiga, com quem eu dividia a sala, não conseguia alcançar o chão com os pés, e se sentia inibida por isso. Dizia se pensar pequena para aquele trabalho. Eu achava graça em seus medos. Eram os meus, sentidos de forma mais cruel.

Esticava a coluna para trás o máximo que podia para ver o quanto aguentariam aqueles assentos. Ou erguia as minhas pernas e as abandonava sobre os braços das poltronas gigantes. Tudo isso cabia na ansiedade da espera pelos primeiros pacientes.

Também, o café e o barulho inevitável de todas as cafeteiras. Um som rouco, como o de um ralo que esvazia uma banheira cheia de água azulada de xampu e sabonete. A campainha tocou e eu, curiosa, abri a porta para Beatriz D. F. Gonçalves.

Dois dias antes, ela tinha passado pela triagem do convênio. A supervisora me entregou sua ficha e relatou a conversa breve que tiveram. Problemas com o casamento e com ansiedade.

Entrou e se sentou. De imediato, riu: “Não consigo encostar no chão!”. Suas perninhas curtas e roliças deixavam seus pés voando.

— Bom dia, Beatriz. Então, o que a traz aqui?

O mistério sobre qual deve ser a primeira pergunta a se fazer para receber alguém que inicia uma análise nunca se desfez para mim. O desconhecido que bate em uma porta, a buscar alguém para ouvi-lo e ofertar sua história sempre me comoveu. Chegam em busca de cura, supondo em nós um caminho nessa direção. Qual deve ser a nossa pergunta? Com o passar dos anos, aprendi que esse primeiro momento é uma fotografia com a sinopse de nossa dor. Apresentar-se para um estranho, confessando que não somos mais capazes de fingir, é algo que se expressa no intervalo entre sentar-se e encarar o analista. Muitos não erguem o rosto. Alguns sorriem largamente. Outros explodem em choro. Há ainda os que desviam o olhar e os que riem constrangidos e perguntam “Como funciona? Eu nunca estive em um psicólogo antes... O que devo falar?”. Há aqueles que coçam as mãos e os que perguntam sobre nós “Você está bem?”. Os que saem falando, os que olham o ambiente e elogiam os quadros. Beatriz sorriu e exibiu seus dentes escurecidos pelo cigarro. O sorriso preto foi o que me capturou. Era uma mulher triste.

– Você conversou com a outra psicóloga ou eu tenho que te contar tudo de novo?

– Você pode me contar o que quiser.

– Eu posso mudar de lugar a poltrona? O sol está vindo direto na minha cara.

– Claro, fique à vontade.

Era enérgica. Não conseguia ficar parada e queria ficar próxima. Sentou-se quase grudada em mim e, assim, tivemos nossa primeira conversa.

– O meu marido me mandou aqui. Eu não o suporto mais. Não sei o que fazer com as roupas que usamos apenas uma vez. Guardamos de novo? Colocamos para lavar? Penduramos para usarmos outra vez? Há cabides o suficiente para isso? Eu comecei a pendurar na escada e o corredor todo está tomado por camisetas suadas. Ele briga comigo e eu não faço ideia do que fazer com essas roupas! Onde elas devem ser guardadas? Como as outras pessoas fazem?

– O que te incomoda nelas? A sujeira?

– Eu não sei reconhecer se algo está sujo. A não ser a bunda do meu filho, quando ele me chama para limpá-lo.

– Quantos anos tem seu filho?

– Três.

– Deve ser um alívio conseguir limpá-lo.

Ela me encarou com os olhos apertados. Parecia assustada. Chorou.

– Eu não tenho lugar. Não sei ser mãe, mulher, esposa, filha.

– Como as roupas.

– Posso guardá-las?

– Onde você as guardaria?

Mais uma vez, parou e me olhou. Então começou a me apresentar seu currículo. Formada em Gastronomia, nunca conseguiu um emprego formal. Já trabalhou em navio, restaurante, morou em outros países: Austrália, Estados Unidos, Portugal, México e Irlanda. Conheceu o marido no final da faculdade e decidiram viajar pelo mundo em trabalhos irregulares. Dois anos lavando louça na Austrália, para aprenderem inglês e levantarem dinheiro. Um ano passeando na Ásia e na África. Três anos na Irlanda e a vontade de morarem lá para sempre.

– Ainda não sei por que saímos de lá. Nós fazíamos massa de pizza. Os paulistanos são melhores do que os italianos nisso.

– Por que saíram?

– Fomos demitidos e sentimos medo. Saudades de casa.

Percebi que oscilava “Ainda não sei por que saímos de lá”, seguido de uma resposta tão rápida à pergunta “Por que saíram?”. Essa não é a pergunta pela qual procura.

– Não aguentamos ficar aqui. Também não conseguimos trabalho. Fomos para os Estados Unidos.

Mais um ano em estação de esqui, viagem ao deserto, à Costa Oeste, ao México.

– Demos aula de inglês perto da fronteira, e terminamos contratados por uma escola na Cidade do México. Foi quando nos vimos exaustos. Aí, começaram as brigas.

– Por quais motivos brigavam?

– Acho que porque falávamos espanhol. Não entre nós, mas o dia todo, na rua, com qualquer pessoa. Era muito parecido com o português. Só que mais intenso. Com mais raiva. Eu sentia que todos estavam cantando o tempo inteiro. A língua espanhola me sufocava. Não tinha como fugir dela, estava dentro da minha cabeça, em meus pensamentos. Eu implorava por silêncio. Chegava em nosso quatinho alugado e pedia ao Daniel “*In english, please*”. O inglês se tornou para mim uma forma de silêncio. Eu descobri um jeito de pensar antes de falar. O espanhol parecia uma gritaria louca em português. Saí de lá correndo, quando apareceu um emprego em um cruzeiro. Daniel não foi comigo. Ficamos sete meses separados.

Ele foi para Lisboa e ela o reencontrou lá, ao final da temporada. Decidiram se casar e voltar para a terra natal. A mãe dele comprou uma casa para eles. Beatriz rindo, disse:

- Acho que se fosse alugada a gente teria voltado a viajar.
  - Há quanto tempo estão com residência fixa?
  - Há quatro anos. Um pouco mais. Engravidei logo em seguida.
  - E como você se sente morando há tanto tempo no mesmo endereço?
- Mais uma vez me olhou fixamente.
- Eu não fazia isso desde o tempo em que morava com meus pais.

Encerrei a sessão.

Quando saiu, me vi novamente com o sol entre as poltronas. Reparei que nas janelas havia persiana. Não teria sido necessário mudar tudo de lugar. Mas deixei daquele jeito por um instante. Sentei-me no chão, no lugar em que o raio de sol atingia diretamente. Era quente e acolhedor. Meus olhos não suportavam tanta luz, obrigavam-se a ficar semi-cerrados. Me lembrei de minha experiência como bailarina nos palcos. A temperatura das luzes e a interdição a que éramos submetidas: “Nunca encoste nas gelatinas do holofote”. Aquilo era fogo. O meu corpo de menina se enchia de calor na coxa, esperando a coreografia anterior à minha acabar. Era o momento em que eu mais me aproximava daquelas gelatinas. A música que antecedia a minha era sempre o destino das batidas do meu coração, que se acelerava me deixando surda, tomada por um ritmo ansioso de medo e prazer. Por que era tão encantador dançar

em um palco? Era o cheiro salgado de suor? Um cheiro que virava matéria, impregnava as cortinas e as roupas. Era a música forte? A expressão facial da minha professora? A sua testa se erguia em rugas e os seus olhos tornavam-se algo impossível de capturar. Todos os anos eu tentava desvendá-la. Eu não via aquela expressão em nenhum outro momento da minha vida. Promovia em mim uma angústia e uma admiração terríveis. Ou era o chão de linóleo e o pó de breu, que ressecava nossas peles? Acho que era o pacto de seriedade que fazíamos entre nós: “Hoje à noite, tudo será perfeito”. Buscar a perfeição pode matar. Mas, naquelas horas, era a minha cura. Correr atrás do palco para retornar a ele do outro lado, com outra roupa, me permitia gritar para quem aparecesse no meio do caminho “Sai!”. E foi assim a primeira vez que um homem me viu nua. Ele estava no escuro, era responsável por erguer e fechar as cortinas. Ficava quieto, deixava livre a passagem para as bailarinas. O segundo vestido estava preparado na coxia. Tinha nove segundos para tirar um e colocar o outro. Saí do palco com uma amiga abrindo os botões daquele que eu vestia e outra com o segundo, aberto para mim. No intervalo entre um e outro, me vi com meus seios jovens expostos ao calor da gelatina proibida. O moço sorriu. Me senti livre. Estava nua na frente de um homem do qual não sabia o nome. Fecharam o novo vestido. Ainda sobraram quatro segundos. Me deram água e retocaram o batom. De volta ao palco.

Abri meus olhos e devolvi a poltrona dos pacientes ao seu lugar original. Sentei-me na minha. O que seria essa sujeira sem destino? O semissujo do cotidiano. O inlimpável do dia a dia. Reparei nos raios de sol empoeirados. Os grãos de poeira são visíveis à luz do sol. Planam lentos em nossas vidas. Da manhã até a noite deitam-se calmos nos móveis. A poeira é a sujeira do tempo. Uma casa fechada, trancada, é suja.

\*\*\*

Na semana seguinte, Beatriz voltou.

— Sei que vocês gostam de saber da nossa infância e da nossa família. A minha é normal. Pai, mãe, um irmão mais velho e eu. Minha mãe é dona de casa e meu pai, funcionário público.

— Hum.

— Sabe, há pouco mais de um mês foi meu aniversário. Não estava muito a fim de festa, fomos almoçar na casa dos meus pais. Eu, Daniel,

Gabiru – meu filho – meu pai, minha mãe e meu irmão. De repente, ouvimos um barulho estranho. Uma multidão que gritava. Eles gritavam tanto, ao mesmo tempo, palavras diferentes, não dava para discernir o que diziam. Eu não entendia nada. Fomos até a janela para olhar e tentar entender o que se passava quando percebemos que vinham na nossa direção. Estavam indo para a casa do meu pai! Eu senti muito medo. Nos perguntamos: “O que está acontecendo?”. Meu pai ficou quieto, fazendo a mesma cara dele de sempre.

Beatriz abriu as narinas e crispou a boca.

– Que cara?

– É... Ele ergue o queixo, deixa à mostra o pescoço flácido, os olhos ficam bem abertos e rígidos, acima da sobrancelha esquerda aparecem algumas rugas. E a sua boca se aperta de um jeito estranho, que mais parece tentar esconder ou revelar um sorriso.

Ficamos em silêncio.

– Eu já o vi assim várias vezes. Desde pequena, busquei olhar para ele em alguns momentos para tentar decifrar o que deveria sentir de acordo com o que vivia e deparava sempre com aquela cara estranha.

Silêncio.

– E tem a gravata. Ele sempre usou gravata. Era obrigado a isso no trabalho e nunca deixou de usá-la. Dá para ver quando ele segura as mãos para não afrouxar o nó. Nesse dia, ele quase mexeu no nó da gravata, quando se interrompeu e disse algo como: “Eles já vão embora. Vamos voltar a comer”. Mas foi sozinho para a mesa. Ficamos assistindo àquele grupo no portão. Eles eram muitos. Com muita raiva. Estavam forçando o portão para derrubá-lo. Peguei Gabiru no colo. Daniel quis nos proteger, nos abraçou. Nós fomos enfeitiçados por aquele conjunto. Era impossível deixar a janela. Acabei conseguindo identificar algumas palavras que eles gritavam. Escutei: “Assassino!”. Derrubaram o portão, amassaram o carro. Meu irmão pegou o celular para ligar para a polícia. Acho que não ligou. A gritaria era difusa, se misturava a papéis e cartazes que não consegui reconhecer. Meu pai ficou sentado na mesa com a mão gordinha dele em posição de espera. Os olhos fixos em um ponto invisível. Nós ficamos colados ao vidro da janela, curiosos, sem querer perder nada do que acontecia. Quando tudo acabou, vi o que escreveram no muro de casa: “Ducina assassino”.

Eu e ela tomamos água.

– Ducina é seu pai?

– Sim.

– Beatriz D. F. Gonçalves. O dê é de Ducina?

– Sim.

Percebi que estava escondido. Reconheci que o movimento que bateu em sua casa era um escracho popular, comum na casa de ex-agentes da ditadura. Por que ela começou falando que sua família era normal e seu pai um funcionário público? O que eu deveria falar naquela hora? Perguntar mais. O que ela sentiu, o que pensa sobre isso tudo, o que sabe? No meu silêncio, completou:

– Ele sempre nos disse que trabalhava na polícia, no setor administrativo. Fazia serviço de escritório. Trabalhava muito. Estava sempre cansado. Meu pai é uma pessoa correta. Eu sou uma pessoa boa. Foi ele que me educou. Eu vivia em uma bolha sem saber de nada que se passava no país. Graças a Deus!

Encerramos.

Ela saiu da sala e logo fui tomada por uma enxurrada de descrições de cenas de tortura. Recém-formada, iniciava meu trabalho clínico naquele ano e militava no movimento feminista, logo após anos de militância estudantil. O regime militar era uma experiência amarga na minha família. Meus padrinhos haviam se exilado, amigos queridos de meus pais tinham desaparecido. Eu recebia em meu consultório a filha de um torturador. Em choque, marquei uma supervisão. Várias. Com psicanalistas mais experientes que eu e com outros que compartilhavam o momento profissional comigo. Uma supervisora perguntou:

– Os seus pais foram afetados diretamente pela ditadura?

Pensei que:

– É claro!

Mas o que ela queria dizer?

– Você não é obrigada a seguir com esse caso.

Eu quero? E outra me disse:

– Você vai suportar se ela perdoar esse pai?

Foi um amigo que me acalmou:

– E ela não tinha ideia de quem era você? Chegou por acaso? Pelo convênio? É a melhor coisa que poderia acontecer. Imagine se a filha de um torturador vai fazer análise com alguém que não sabe nada da ditadura. Quantas palavras surdas não serão amordaçadas mais uma vez?

\*\*\*

Na terceira sessão, ela contou que foi a uma entrevista de emprego no horário errado.

– Eu sou lesada! Sempre fui. Mas dizem que na gravidez a gente fica meio lesada mesmo, não é? Eu não voltei!

– Lesada?

– É! Era uma entrevista para ser professora de inglês. Não consegui voltar a trabalhar desde que voltamos para cá. É estranho. Aqui eu não consigo trabalhar. Daniel decidiu abrir uma loja de *souvenirs*. Pequena. Os pais deles pagam... Aff... Não aguento isso! Eles pagam tudo!

Esse caso me obrigou a levar a sério a psicanálise, como eu levava o balé. Eu me permiti escutá-la toda semana, com seu cotidiano, sofrimentos e história. Mas tive que me interrogar constantemente. Qual é o papel dessa escuta? A que nos propomos ao escutarmos a dor de alguém? Somos *voyeurs* dos sintomas?

Na semana seguinte, ela se defendeu de uma troca de palavras:

– Ah! É que eu sou lesada!

Contou de dificuldades com a mãe, de como ela é carrasca e trata mal seu pai. A mãe grita muito, o pai apenas anda pela casa e tem dificuldades para dormir.

– Está velho. E a minha mãe vive com uma viseira na cabeça, igual a um cavalo! Ela não sai da bolha! E eu não aguento mais a bolha. Sair do país foi a minha oportunidade de abrir a bolha.

– De que bolha você está falando?

– Eu não fiquei só no mundinho de dentro de casa, como a minha mãe.

– Eu lembro que você, ao falar da sua infância, dava graças a Deus por ter vivido na bolha. Agora, você acusa sua mãe de não querer sair dela.

– Ih! É mesmo.

Bolha, lesada. Ela estava tentando se perguntar sobre sua história. Se sentia perdida no mundo. Por que não conseguiu trabalhar em seu lugar de origem? Por que sentia necessidade de estar em movimento por vários países?

– Eu sou mesmo lesada!

– Escute, Beatriz, você sempre se refere a si mesma como lesada. O que você quer dizer com isso?

– Que eu sou lerda, que esqueço as coisas, sou desatenta. Que eu sou lesa!

– Certo, mas quais outros significados podem ser atribuídos à palavra lesada?

– Machucada.

– Escute o que você está dizendo. Quem a machucou? De que machucado você está falando?

Ela suspirou, se afundou na poltrona, olhou para os lados e de imediato respondeu:

– A minha mãe sempre foi muito violenta. Um dia, eu e meu irmão não queríamos ir para a escola, e ela enfiou nós dois, de uniforme e tudo, no banho frio. Depois, nos fez sair molhados. O dia estava gelado. Isso é tortura!

– Por que você diz tortura?

– Porque é o que estão dizendo que meu pai fazia fora de casa, e a minha mãe fazia dentro!

Ela conseguiu nomear. Chorou. Chorou até as lágrimas se encontrarem com o catarro que saía de seu nariz.

\*\*\*

Eu corria em um campo aberto, vasto, sem margem. Tinha algo atrás de mim que não conseguia enxergar, meu peito arfava, minha respiração estava ofegante. O céu era nublado e turvava minha visão. Tinha medo

de olhar para os lados, como se fosse perder tempo e, com essa deixa, me capturassem. Percebi que não saía do lugar e então olhei para baixo: estava pelada, com cordas nos meus punhos e uma corrente em meu tornozelo esquerdo. Ao final dela, uma bola de chumbo. Gritei e tentei abrir a algema com minhas unhas, quando notei que meus dedos estavam nus, encerravam-se em carne viva. Acordei.

\*\*\*

– Meu irmão disse que essa bolha nunca existiu. Que nós sempre fomos capazes de saber o que acontecia. Nós íamos de carro oficial para a escola e entrávamos por uma porta especial. Por quê? Que poder era esse que meu pai tinha? Mandavam vários presentes em casa. Meu pai não era incorruptível! E tudo o que eu queria era ser normal. Eu odiava entrar por uma porta diferente. Chamava muita atenção e as outras crianças eram cruéis comigo. Me chamavam de gorda, tola. Eu sempre fui muito bobinha, não sabia me defender. Estar na escola era um inferno.

“E tudo o que eu queria era ser normal” ressoou em meus labirintos e caiu em minha memória, onde se ligou a: “Sei que vocês gostam de saber da nossa infância e da nossa família. A minha é normal”, atraiu para perto de si, como a gravidade da Terra aproxima a Lua para sua órbita: “Isso é tortura!” e ecoou: “Assassino”.

\*\*\*

– Meu irmão e meu marido dizem que eu tenho que parar a análise. Estou muito nervosa. Grito com todo mundo.

– Você tem conseguido falar sobre esses assuntos com mais alguém?

– Com eles. No começo, me apoiaram. Mas, agora, dizem que é melhor não mexer nessa história, que já passou. Estou sozinha.

– Em sua vida inteira, nunca tinha surgido a oportunidade de falar sobre a sua história com alguém?

– Uma vez, na faculdade, um amigo falou que a polícia não prestava, que eram todos corruptos. Eu briguei com ele, defendi meu pai. Nós éramos muito próximos antes disso. Nos afastamos. Provavelmente, ele acharia importante o que eu estou fazendo agora.

\*\*\*

Eu voava a partir das batidas do meu coração, que não se continha em meu peito e irradiava força para minhas asas em movimento contínuo. Tão pequenina eu era, de asas tão velozes, que era capaz de ficar parada no ar, resistindo ao peso de meu corpo sendo atraído pelo chão. Beije uma flor e senti gosto de sangue. Uma rede de caçar borboletas me capturou e me vi presa em uma teia de aranha. Meu coração começou a saltar em meu peito, me fazendo tremer; quis gritar, mas só sabia cantar. Agitei minhas asas, que se enrolaram ainda mais na rede pegajosa. Fui jogada em uma gaiola. Foi quando lembrei que um beija-flor, quando preso, explode. Acordei.

\*\*\*

— Aconteceu uma coisa estranha comigo. Estava sentada no chão com Gabiru. Ele ganhou de presente uns bonequinhos de chumbo e espalhou todos eles pela sala, começou a colocá-los para brigar, em uma lutinha. Fiquei nervosa vendo aquilo. Pedi para ele parar, mas ele riu e continuou. Senti falta de ar e ele começou a fazer barulho de tiro, até que arranquei os bonequinhos da mão dele e comecei a chorar. Olhei para eles. Eram soldadinhos de chumbo. Eu o abracei e pedi desculpas.— Quem eram esses soldadinhos de chumbo?

— Me fizeram lembrar dos guerrilheiros. Dos militantes. Esses que dizem que meu pai atacou.

—Pelo que você se desculpou?

Chorou.

\*\*\*

— A minha alergia voltou. Manchas vermelhas que coçam e se espalham pelo meu corpo. Já fiz muitos exames e tratamentos. A única coisa que descobri é que é algo psicossomático. Aparece quando estou nervosa.

—Você se lembra de quando começou?

— Não. Mas percebo que aparece sempre onde meu corpo encontra meu próprio corpo.

— Hum.

— Nas articulações. É como se eu fosse alérgica a mim mesma.

De que matéria é feito nosso inconsciente? Que tecido é esse que nos liga uns aos outros para além de nosso conhecimento? Em que momento Beatriz percebeu a crueldade de seu pai e, ainda assim, optou por amá-lo, deslocando para si mesma uma culpa assassina?

\*\*\*

— Eu sou uma pessoa horrível? Acordei me lembrando de quando fui ao Museu da Guerra do Vietnã e senti muita culpa. Muita culpa. Até hoje. Como fizeram tudo isso com aquele povo? Como deixamos? Todos dizem que eu sou a cara do meu pai. A minha alergia piorou. As manchas vermelhas correm por mim.

Nesse dia, falava gritando. Não conseguia ficar sentada. Corria pela sala. Pediu um abraço. Concedi. Acalmou-se e perguntou:

— Eu sou uma pessoa horrível? Sou?

\*\*\*

— Neste fim de semana, chamei um amigo. Aquele que havia me dito que a polícia não prestava, tanto tempo atrás. Você lembra? Te contei dele. Àquela altura, eu briguei com ele, defendi meu pai. Bom, eu o chamei para assistir comigo ao vídeo do depoimento do meu pai, quando interrogado sobre seus feitos durante a ditadura. Ele está com aquela cara que te falei, e com a gravata. Perguntam a ele sobre muitas coisas que eu não sei se ele fez ou não, se sabe ou não sabe. Mas perguntam se ele conhecia algumas pessoas, outras da polícia, também. E ele diz que não. É mentira.

Beatriz gritou, agitando os braços para cima.

— É mentira. É mentira!

Levantou-se e apontou firme para o próprio peito:

— Eu conheço aqueles nomes sobre os quais perguntam a ele.

Estava com as costas curvadas, os joelhos estendidos e o sol nos pés.

— Ele nos levava a almoços de domingo na casa daqueles caras que ele diz não conhecer. É mentira. O que ele diz é mentira!

Beatriz não chorava mais. Sentia raiva. As palavras saíam de sua boca como a baba escorre de um cachorro raivoso. Finalmente, teve coragem

de responsabilizá-lo. Quando criança, sofria com a mãe violenta e o pai ausente. Dizia ser caçoada na escola, chamada de tola, boba, gorda. Não tinha segurança com relação ao amor dos pais. Era insegura, não sabia se alguém poderia amá-la. Aderia aos apelidos que a depreciavam. A constância dos pais a fez tê-los como referência de amor. Só soube amar da forma como sentiu ser amada. Fez um pacto subjetivo com eles, de que eram violentos e, ao mesmo tempo, a brindaram com a vida e a sobrevivência. Foram os responsáveis por sua gestação, amamentação, nutrição, trocas de fraldas, alimentação, educação, casa, saúde, anticorpos. Nesse pacto, a sua parte foi não questioná-los, aceitar todas as suas respostas. Não ameaçar a sua frágil ilusão de pais bondosos que a criaram. Questionar isso seria questionar a sua espinha dorsal. Quem sou eu, se não a filha obediente de pais amáveis? Ao mesmo tempo, o sujeito não se contém. Isto é, o que de Ducina foi transmitido como maldade ou arrependimento? Como sadismo ou culpa? O que do não dito marcou o corpo de Beatriz? Ela fugiu. Deu a volta ao mundo e se sensibilizou com os povos oprimidos. O Vietnã, os mexicanos. Cansou-se porque a questão não se respondia. Tantas línguas, mas a palavra era, ainda, não dita. Voltou e não conseguiu trabalhar. Até que se deparou com o escracho popular e tornou-se urgente olhar sua própria história. Foi à análise sem coragem de contar sua questão, mostrando seu sintoma como porta de entrada. Ansiedade. Ser explosiva com o marido. Reconhecer a sua história possibilitou a ela se diferenciar de seu pai.

— Eu não tenho nada para romper com o meu pai. Ele nunca esteve perto de mim. Ele nunca amou ninguém. Anda com uma bola da morte presa aos seus pés.

Ouvi aquilo como um susto. Revisitei a cena do meu sonho, da corrida sem saída, atada a uma bola de chumbo. A bola da morte presa aos meus pés.

— Trouxe uma coisa para te mostrar. Vou sair daqui e entregá-la para a pessoa que o entrevistou no depoimento a que assisti.

Tirou de sua bolsa uma caixinha quadrada e a estendeu para mim. Encarou-me com curiosidade e apreensão. A tampa continha a referência “*Ciudad del Mexico*”. Logo pensei que seria barulhento o conteúdo. Abri. Beatriz foi para a ponta da poltrona, de onde conseguia encostar os pés no chão, colocou as mãos entre as pernas, como quem quisesse

se conter. Eram fotos em preto e branco. As folheei como um leque e me detive na primeira delas. Era um churrasco em uma casa bonita. Os homens sentavam-se em cadeiras de alumínio ao redor de uma grelha. Uma mulher com um vestido que me parecia amarelo, do mesmo tom do brinco redondo e grande, sorria distribuindo cerveja aos homens sentados. Outras duas fumavam ao fundo, no meio das flores, por trás de óculos escuros. Reparei que um dos homens estava sentado na ponta da cadeira e apoiava-se na parte da frente dos pés, único modo de alcançar o solo. As pernas eram roliças e as mãos pequenas e gordas, entrelaçadas sobre o peito. Olhava com o canto dos olhos para as mulheres atrás dele.

– É meu pai. Com os amigos dele, que ele disse não conhecer.

O beija-flor, quando preso, morre. Sua natureza é voar.

\*\*\*

Aristóteles dizia que as características fundamentais da tragédia são o reconhecimento e a peripécia – a reviravolta, a mudança de estado do sujeito. Édipo seria a tragédia suprema, pois estes elementos ocorrem ao mesmo tempo, no mesmo ponto. Quando se reconhece como assassino de Laio, muda seu estado de marido para filho. Torna-se assassino e incestuoso quando se reconhece em sua própria história. Sempre pensei que é essa dimensão clínica a que mais encantou Freud, para tomar a tragédia como mito fundador do homem ocidental. A clínica psicanalítica é uma narrativa trágica. A tragédia é o gênero literário de uma democracia revelada como assassina. ■

**Cecília Marques** é paulista, estudante de Letras. Publicou contos e poemas em diferentes plataformas.